SOGRA: UMA CIDADÃ SEM PÁTRIA

José Itamar Sales da Silva¹*

RESUMO

Excetuando-se a mulher prostituta e negra, a vítima de maior preconceito, rejeição e discriminação, por parte do imaginário popular é a figura da sogra. No universo do domínio masculino, patriarcal e conservador, o Cordel sendo interlocutor das representações e manifestações culturais do imaginário popular coletivo, dedica parte de sua temática a figura emblemática da sogra, apresentando-a como uma ameaça a milenar dominação masculina e excluindo-a da sociedade, negando-lhe os "penosos" direitos de cidadania. Analisaremos o folheto de Leandro Gomes de título: Vacina para não ter Sogra, que desenvolve a temática da sogra, num discurso que enfatiza aspectos negativos desta personagem.

PALAVRAS- CHAVE: Sogra, preconceito, cidadania e cordel

ABSTRACT

Except for whores and black women, the most common victim of prejudice, rejection and discrimination is the mother-in-law figure. Considering the masculine domain universe, which is patriarchal and conservative, String Literature, as an interlocutor of people's cultural manifestation and representation, presents the emblematic mother-in-law character as a threaten to the millenary man domain, thus excluding her from society, and denying her the "painful" civil rights. This article aims at analyzing a string written by Leandro Gomes called Vacina para não ter Sogra (Vaccine to prevent from having a mother-in-law), which is about the mother-in-law figure, and emphasizes her negative aspects.

KEY-WORDS: mother-in-law, prejudice, civil rights and string

RESUMEN

Exceptuándose La mujer prostituta y negra, la víctima de mayor prejuicio, rechazo y discriminación por parte del imaginário popular es la figura de la suegra. En el universo del domínio masculino, patriarcal y conservador, la literatura de cordel siendo interlocutora de las representaciones y manifestaciones culturales del imaginário popular colectivo, dedica parte de su temática a La figura emblemática de la suegra, presentándola como uma amenaza a la dominación masculina y excluyéndola de la sociedad negándole los "penosos" derechos de ciudadania. Analizaremos el folleto de Leandro Gomes de Barros de título: Vacuna para no tener Suegra, que desarrola la temática de la suegra, en un discurso que enfatiza aspectos negativos de este personaje.

PALABRAS CLAVES: Suegra, prejuicio, ciudadanía y literatura de cordel

^{*}Universidade Estadual da Paraíba- UEPB:MLI

Cidadania, tradicionalmente, quer dizer, a existência de direitos civis e políticos completos e iguais para todos. A questão da cidadania feminina ao longo da história, ainda registra capítulos muito incipientes e frágeis, apesar dos avanços e ganhos no campo social, econômico, político, jurídico e cultural dos nossos dias. A história da cidadania feminina é lembrada inicialmente não pelos direitos conseguidos, mas pela ausência destes, e inevitavelmente lembramos as mulheres gregas, que além de não serem consideradas cidadãs, são relegadas à categoria de objetos, de propriedade privada do homem, como atesta o historiador Renato Mocellin.

Suas vidas eram controladas pelos homens. Em Atenas as mulheres não gozavam de direitos políticos e estavam sempre sob a dependência de um homem (pai, marido, filho) especialmente nas famílias mais ricas. Viviam reclusas e eram vistas pelos homens com desprezo e desdém. As apreciadas são as reclusas e silenciosas. (MOCELLIN, 2000, p.22).

Apesar de reconhecermos a luta das mulheres de forma silenciosa ou manifesta ao longo de toda a história, não podemos negar que foi somente após a Revolução Francesa de 1789 que a força latente e "oculta" das mulheres começou ameaçar o domínio milenar patriarcal, conservador masculino. Tais fatos ainda que incipientes deixaram registros históricos:

[...] A Revolução Francesa deixa marcas fundamentais na história das mulheres, tanto por seu significado geral na trajetória das lutas pela cidadania quanto por ter sido um período de questionamento das próprias relações entre os sexos. Naqueles momentos iniciais, direitos das mulheres haviam sido reivindicada (ainda que por uma minoria de mulheres, defensoras da bandeira da igualdade) como parte dos direitos humanos universais e relacionados a um movimento que queria transformar a sociedade. Além disso, naquela ocasião histórica, vislumbrara-se uma sociedade completamente nova, na qual as mulheres pobres participariam como cidadãs integrais. (PINSKY,org.2003,p.269).

A luta das mulheres pela cidadania plena se espalha pelo mundo, sobretudo após a década de 1960, com o movimento feminista e suas reivindicações. A luta feminina chega ao Brasil, onde a força da mulher brasileira é atestada pela historiadora Maria Lygia Quartim de Moraes quando diz "[...] As mulheres brasileiras, discriminadas e oprimidas, como na maior parte das sociedades, constituem, entretanto, um dos segmentos que mais se destacaram na luta pela universalização dos direitos sociais, civis e políticos". (PINSKY.org. 2003, p.498). São inúmeras as leis criadas no Brasil dando as mulheres e garantias, entre as quais destacamos a recente lei 11.340/06, conhecida como lei Maria da Penha, que não somente protege a mulher contra a violência patriarcal conservador machista bem como atesta que ainda hoje, a despeito das inúmeras leis ela continua sendo discriminada, desrespeitada e agredida.

A mulher em todas as fases de sua vida, e por que não dizer em todas as facetas identitárias que a mesma adquire como menina, moça, mulher, esposa, mãe, avó e sogra sofrem pela ausência da igualdade de direitos bem como pela ausência prática dos direitos que a mesma conquistou ao longo do tempo. Apesar da mulher da pós-modernidade, ocupar espaços significativos nos campos da política, educação, economia e cultura e tenha garantido legalmente a igualdade com o homem, a mesma não é tão valorizada e reconhecida quanto à figura masculina. A figura feminina adquire tantas personalidades e diferentes perfis identitários, que nos permitem traçar um heterogêneo mapa identitário da mulher dependente da condição, status, função e idade da mesma, tal como atesta Sandra Pesavento quando fala das várias facetas da identidade:

As identidades são múltiplas e vão desde o eu, pessoal, construtor da personalidade, aos múltiplos recortes do social, fazendo com que um mesmo indivíduo superponha e acumule, em si, diferentes perfis identitários. Estes não são a rigor, excludentes por si mesmos, nem forçosamente atingem uma composição harmônica e sem conflitos nessa espécie de rede política identitária que cerca o indivíduo. (PESAVENTO,2005,p.90).

Dentre as multifacetadas identidades femininas, a figura feminina que parece padecer mais, pelo descaso e ojeriza da sociedade patriarcal, conservadora e machista, são as figuras da mulher na condição de prostituta, de lésbica e de sogra, convém observar que esta condição é agravada ao extremo, se a mesma for negra. As três em destaque são exemplo da hipocrisia e dissimulação da sociedade excludente que rechaça e discrimina a figura feminina ainda que legalmente a mesma tenha direitos civis e políticos.

Outra variante que agrava o preconceito e exclusão é a condição social e financeira das mesmas, ainda que se admitam casos na história das mulheres em que a condição financeira e status social não impediram que as mesmas fossem vítimas de preconceito e discriminação, como podemos exemplificar historicamente através das mulheres de diferentes condições econômica e status social da sociedade judaica que foram vítimas do holocausto alemão na segunda Guerra Mundial, onde fica claro que o critério usado para discriminar, perseguir e matar de forma hedionda foi o fato de pertencer à "raça judaica". Outra semelhança com o dilema vivido pelos judeus e a sogra, é o fato dos judeus terem vivido desterrados pelo mundo, sem pátria, sem nacionalidade durante séculos, garantindo esta condição somente após a segunda guerra mundial, mas precisamente em 1948, com a criação do estado de Israel, ainda que milhões de judeus estejam ainda hoje espalhados pelo mundo. Analogamente, a sogra sendo vítima de toda forma de preconceito e discriminação, é motivo de motejo em todos os países do mundo, sendo uma unanimidade em todas as culturas e povos, não havendo ao que parece um só povo na face da terra que veja a representação feminina da mulher enquanto sogra de forma positiva. Diante do que foi exposto no que concerne à condição da mulher enquanto cidadã, convém perguntar:

cidadania é somente possuir direitos civis e políticos, ainda que os mesmos não sejam praticados em sua amplitude? Uma mulher que faz parte da alta sociedade e desfruta de muitas benesses econômicas, mas que é frontalmente agredida moralmente pelo seu genro ou nora, na condição de sogra, desfruta em termos práticos de ampla cidadania? O que vem a ser o exercício pleno da cidadania feminina? Muitas perguntas que nos levam a refletir sobre os ganhos e perdas da figura da mulher no mundo hodierno.

Entre as identidades femininas exemplificadas como vítimas da exclusão da cidadania plena, destacaremos a representação da figura da mulher na condição de sogra, que semelhante a mulher prostituta, a lésbica e a negra recebe toda uma carga pejorativa de apelidos, críticas, perjúrios e maldições constituindo-se num verdadeiro assédio moral. Os conflitos do homem com sua sogra têm atravessado os milênios, e deixado registros na história da humanidade, tal como é feito na mitologia grega que narra os constantes e intermináveis conflitos de relacionamento entre a deusa Afrodite (que é representada como a deusa do amor) que ficou com ciúmes quando o seu filho Eros foi enfeitiçado e apaixonouse por uma mortal chamada Psique, a citar como exemplo o conflito entre esta e Afrodite. A sogra aparece também representada nas anedotas e gracejos (sempre de forma depreciativa) enquanto figura feminina, não faltando a ela adjetivos e símbolos, os mais desqualificados possíveis. A isto se acrescentem as centenas de provérbios cunhados na sabedoria popular por parte do senso comum e da filosofia, forjada no imaginário popular, dezenas de provérbios e ditos populares, cuja autoria é desconhecida, carregados de preconceitos e depreciação à figura da mesma, tais como: "Deus fez a mãe, mas o diabo inventou a sogra. Sogra e madrasta só o nome basta. Morar com sogra é fazer vestibular para o céu. Sogra boa é a que já morreu. Que nossas sogras nunca se chamem Esperança, pois a esperança é a última que morre. Minha sogra caiu do céu, a vassoura quebrou." Estes ditos populares deixam claro, a peja machista em relação à mulher sogra, que sempre é representada como tendo muitos defeitos e maldades. Não falta também a sogra, os mais inusitados apelidos tais como: bruxa, satanás, maldita, jararaca, verme, guardiã do inferno, encosto, verme e vaca.

È quase inexistente no meio popular, registros maléficos com relação à figura masculina do sogro, o mesmo não acontece com a figura emblemática e controvertida da mulher enquanto sogra de um dos cônjuges, principalmente do homem que a enxerga como antônima da figura de sua genitora. A sogra, e não o sogro vai aparecer na história da humanidade como esta figura do mal, muitas vezes associada no imaginário popular à figura do Diabo. "Não há", ao que parecem na literatura, registros de sogros estigmatizados e representados através de figuras maléficas, o que reforça o preconceito e discriminação da qual a mulher enquanto sogra é vítima.

Utilizaremos como fonte de pesquisa principal em nosso trabalho a Literatura de Folhetos em versos, que aqui se justifica por esta ser uma das expressões mais marcantes do imaginário popular, e por ter dedicado parte de sua produção à figura da sogra. O poeta popular nordestino, através da literatura de cordel catalisa o inconsciente coletivo do povo, e expõe de forma rítmica e jocosa o que permeia o imaginário popular no que concerne a figura da sogra. A sogra, segundo Luís Câmara Cascudo, é: "Motivo universal de ódio e rancor convencional por parte dos genros. Versos, anedotas, provérbios, pilhérias, em todas as línguas do mundo, tornam a sogra objeto de ridículo feroz, de permanente intriga, inimiga do lar e da paz doméstica. Era o mesmo entre gregos e romanos [...] (CASCUDO, 2001, p. 827).

A Literatura de Folhetos enquanto veículo e expressão do pensamento e cultura nordestina torna-se referência na leitura e releitura do mundo a partir da perspectiva do poeta, por este ser filho do seu tempo, e reproduzir necessariamente os conceitos, os preconceitos, as crenças, os valores e paradigmas da sociedade em que está inserido. A Literatura de folhetos reproduz como o faz a literatura em geral, vários arquétipos da figura feminina, a citar como exemplo, a mulher como imagem de pureza, de beleza exuberante, de mãe guerreira e exemplar. Mas a Literatura a apresenta também como atormentadora, como prostituta destruidora, como madrasta má, e como sogra maldita, entre outros arquétipos.

Os problemas e conflitos humanos do dia-a-dia sempre estiveram presentes no imaginário popular, pois estes surgem com o gênero humano, e sempre estiveram expressas no senso comum, bem como na literatura oral e escrita. Uma das formas mais populares desta expressão se dá através da Literatura de Folhetos que registra e populariza fatos e temáticas do cotidiano humano.

Esses problemas passam a ser registrados e popularizados desde os primórdios do Brasil Colônia, entre os séculos XVI e XVIII, primeiro na oralidade poética e rítmica que pedagogicamente se apresentou como uma poderosa técnica de fixação e reflexão dos problemas humanos. Já no século XIX, no Brasil, esta oralidade poética passa a ser materializada através da poesia narrativa impressa, que ficou conhecida como Literatura Popular em Versos ou Literatura de Cordel. Esta divulgação impressa que se propagou a partir do século XIX, teve como seu maior expoente e divulgador o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros.

A figura da mulher é uma das mais celebradas na poesia e temática dos folhetos. Os poetas dispensam à mulher um lugar de destaque sempre presente, que ora é apresentada desempenhando o papel de musa perfeita, pura e inatingível, associando-a a figura imaculada da virgem Maria, sendo também associada, entre outras, de forma oposta à

figura da megera domada e ainda associando-a a um ser desalmado e execrável. Embora não haja muitos registros do arquétipo feminino da sogra na literatura brasileira em geral, constatamos que tal não acontece com a literatura Popular, que dedica considerável parte de sua produção à figura enigmática da sogra, a julgar pelo que Leandro Gomes de Barros produziu de sua autoria, e que é catalogado no Dicionário Bio-bibliográfico do professor Àtila Almeida e do poeta José Alves Sobrinho, que registram nove folhetos de autoria de Leandro Gomes a respeito de sogra. A citar como exemplo apenas do poeta Leandro.

Escolhemos para nossa análise do preconceito e discriminação da qual a sogra é vítima o folheto, de sextilhas setissilábicas, de Leandro Gomes de título: *Vacina Para Não Ter Sogra*. Reproduziremos fragmentos do folheto em sua grafia original com seus "erros" ortográficos visando manter a originalidade do mesmo. O folheto registra o diálogo de um genro com um inglês, onde vemos o lamento "desesperado" de um genro que apela para medicina, para que esta invente uma vacina para não ter sogra. O inglês diz ser possível confeccionar a vacina e prescreve para o amigo uma receita caseira para que o amigo logre êxito contra esta "doença":

Porque é que a medicina
Estuda tanto e não logra
Por exemplo, um preparado
Que dê mais valor á droga?
Porque rasão não inventa
Vaccina pra não ter sôgra?

Isto dizia eu um dia,
Falando com um inglez.
Disse o inglês: Mim já viu
Essa vaccina uma vez,
È um remédio sublime,
Mim antes de casar já fez.

È possível perceber desde a primeira estrofe, a forma preconceituosa como o poeta refere-se à sogra, tratando-a, como se esta fosse uma doença maligna, contagiosa e incurável até então. A forma preconceituosa de referir-se a sogra chega ao extremo, quando esta é apresentada de forma patológica, como se a mesma fosse uma "doença contagiosa" em estado terminal, que é um mal incurável, que deva estar isolada sob pena de contaminação letal. Referimo-nos ao fato de, entre outros fatos, constar-se nos estudos

psicológicos da síndrome do Pânico, o medo da sogra, onde entre tantas fobias catalogadas pelo professor doutor em Psicologia Roque Teófilo, é destacada a temível fobia de sogra, intitulada "novercafobia ou pentherafobia que é definida como aversão e medo mórbido irracional, desproporcional persistente e repugnante á sogra". A fobia de sogra estaria relacionada, quem sabe a projeção que o homem faz do oposto da mãe carinhosa que cuida e protege, associando a sogra à figura da mãe relapsa, ríspida e exigente que impõe medo e intimida. A figura feminina enquanto sogra é reduzida a condição patológica, sendo assim desprezada, desdenhada e aviltada em sua dignidade.

No enredo do folheto o genro prossegue seguindo a receita caseira inglesa em busca de uma "vacina" que extermine a terrível sogra adicionando elementos preconceituosos e depreciativos, evidenciando de forma declarada a tentativa de inferiorizar o sexo oposto na figura da sogra. Vacina é o remédio usado para combater epidemias, pestes e doenças contagiosas, desta forma a sogra é transformada em um mal que não somente deve ser evitada, mas combatida em toda a sua plenitude, a bem da humanidade. O Poeta apresenta a sogra como uma cobra peçonhenta, que tradicionalmente do seu próprio veneno se retira o antídoto para combatê-la. Da mesma forma que a cobra traz na saliva de sua língua o veneno mortífero, semelhantemente é da "língua da sogra" que se retirará o remédio para neutralizá-la.

Eu então lhe perguntei:

Como é essa vaccina?

Disse o inglez: Oh! tu pega

Uma sogra bem ferina,

Bota o cuspo della em ti,

Que sogra ahi amofina.

È notório também, no folheto a violência contra a mulher sogra, não só verbal que em si já se constituiria uma agressão e assédio moral, passível de sofrer as penalidades da lei, bem como a violência física, quando este descreve a ação da suposta vacina, levando a sogra a óbito. Vemos assim em ação uma representação desta violência simbólica que se traduz em gestos concretos, induzindo ou simplesmente manifestando, talvez, um desejo latente que povoa o universo masculino de eliminar pela força insana e bruta, a figura feminina que oferecer resistência e ameaça ao seu poderio patriarcal, conservador e machista.

Mim garante que botando,
Tu fica logo sem Ella,
Bota pouco, só na unha,
Que a baba é uma mazella,
Com meia hora depois,
A velha estica a canella.

Como é comum ao gênero masculino, imputar a mulher, a culpa pelos seus infortúnios. A sogra recebe a culpa das desavenças presentes nas famílias, sendo representada como o inimigo número um da paz do lar, mascarando toda violência masculina propondo que a sogra, a esposa, a mulher é a culpada e não o homem, e que a exclusão desta do ambiente familiar garantiria a harmonia da família. A sogra é representada como empecilho para a estabilidade e harmonia da família nuclear e dos casamentos das futuras gerações.

Com essa vaccina, agora
O mundo há de melhorar,
A terra toma um impulso,
Tudo há de prosperar,
A mocidade de agora,
Não teme mais se casar.

Sogra boa, diz a filha:
Você veja seu marido,
Elle achando molle encalça,
O homem é bicho atrevido,
Seu pai também foi assim,
Mas, commigo tem tossido.

Depois de expor de forma degradante a sogra e atribuir-lhe à fama de conselheira do mal, que somente semeia a contenda e a discórdia, o poeta prossegue advertindo os desavisados contra a ardilosidade da sogra, que sintomaticamente se manifesta em todos os casamentos atormentando e tirando a "saúde" do genro. O poeta popular através de seu folheto, em nenhum momento "alivia a barra" da sogra, enfatizando repetidamente e ironicamente, os defeitos e malefícios tormentosos, que a mesma é capaz de causar.

Agora anlysem bem,
Uma boa faz assim,
Dá esses conselhos á filha,
O que não fará a ruim?
Enterra o genro inda vivo,
Péga Deus e dá-lhe fim.

Sogra bôa, diz á filha:
Você veja seu marido,
Elle achando molle encalça,
O homem é bicho atrevido,
Seu pai também foi assim,
Mas commigo tem tossido.

È perceptível no pensamento popular reproduzido pelo poeta no folheto, a justificativa ideológica religiosa que endossa o pensamento patriarcal conservador masculino, atestando a "normalidade" da dominação masculina que sempre foi defendida pela igreja com sendo ordenada pela divindade que assim estabeleceu. A igreja ao longo da história defendeu sempre uma postura antifeminista e patriarcal, como assim nos é dito:

[...] Quanto à igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas á decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. (BORDIEU, 2005, p.103).

Em suma, a religião representada no folheto pelo catolicismo e seus clérigos, contribuirá com a doutrinação popular da superioridade masculina justificando ou atenuando até mesmo a violência da qual é vítima a mulher, aqui representada pela sogra, nos versos que se seguem, quando o homem acorre à igreja para confessar-se por haver envenenado e matado sua sogra. A religião institucionalizada, que se faz representar no folheto na figura do padre legitima a dominação masculina e a violência contra mulher. De forma irônica e satírica, o sacramento da penitência, não é ministrado pelo sacerdote ao penitente, como um sacrifício para expiar o pecado, mas sim como um "prêmio" para o infrator, que tem como recompensa a penitência de digerir iguarias alimentícias dignas de um banquete

comemorativo. A morte da sogra não é percebida pelo clérigo como sendo um "pecado mortal", nem se percebe nenhuma reprovação ou repreensão ao mesmo pela prática desta extrema violência que tira a vida da sogra de forma covarde, sem dar-lhe chance de defesa. O clérigo do folheto não exprime nenhum lamento ou pesar pela morte da mulher enquanto sogra, reforçando assim a "normalidade" da insensibilidade masculina em face da dor e do sofrimento feminino. O representante da igreja não oferece nem mesmo em face da violência contra a sogra, a tão propalada solidariedade cristã.

Então perguntou o padre:
E com isso sucedeu?
Disse o rapaz. Foi vaccina
Que um boticário me deu,
Vaccinou-a a meia-noite
Ella de manhã morreu.

Então o padre lhe disse:
Filho, isso não foi tão mao,
Se tu a tivesse morto
Com ferro, com pedra ou pão
Jejuarias três dias,
Com queijo e com bacalhau.

A violência e a discriminação contra a sogra, relatada no folheto, não se finalizam com a sua morte. A sogra segue o mórbido caminho de todos os mortais, recebendo "homenagens" póstumas do seu genro, que atribui a sogra à maldição da temível seca. A sogra representada no folheto não é enterrada, ninguém lhe reclama o corpo nem se preocupa em dar-lhe um enterro digno, ficando o seu cadáver a exposição sofrendo decomposição, como se fosse uma "indigente", que não tem filiação nem genealogia que por ela sinta compaixão e lamente a sua morte. A morte parece representar um castigo a ela infligido pelas suas maldades e que deve servir de exemplo, para que outras sogras não ousassem desafiar a dominação masculina. Como se já não bastasse envenenar a sogra, e deixá-la para ser "comida pelos urubus", ainda lhe imputa a maldição de impedir as chuvas. O poeta destaca ainda na última estrofe, o órgão feminino que é mais abominado na figura da sogra, que é a sua língua, que é apresentada de forma tão depreciativa, chegando ao extremo de nem mesmo ser consumidas pelos desprezíveis urubus. A sogra segue assim, sendo uma "cidadã" sem a plena cidadania, um ente que é ojerizado por todos os gêneros (genro e nora), por todo mundo e em todo lugar.

No logar que elas morreram,

Vinte annos não choveu,

A carniça da melhor,

Essa sempre apodreceu,

Isto é, porém a língua

O urubu não comeu.

A mulher na figura da sogra segue sendo uma cidadã sem pátria, pois embora ela seja parte da tradicional família é "desterrada" em seus direitos, sofrendo toda sorte de preconceito e discriminação por parte da nora e principalmente do genro que a enxerga como inimiga número da felicidade familiar. A sogra que é representada de forma unânime em todo o mundo, como uma "persona non grata", mesmo ao longo dos séculos, com todos os avanços das lutas femininas permanece inalterada em seu status de mulher inferior, que apenas traz e atrai malefícios para a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1. ABREU, Márcia. História de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- 2. ALMEIDA, Átila de, e José Alves Sobrinho. Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, vol 1-2, 1978.
- **3.** BARROS, Leandro Gomes de Barros. **Vacina para não ter sogra.** Fortaleza-CE: Editora Tupiniquim.
- **4.** BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005
- **5.** CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. 10ª ed. Revista, atualizada e ilustrada. São Paulo: Global editora, 2001.
- **6.** DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo, Editora Contexto, 1997.
- 7. MOCELLIN, Renato. As Mulheres na Antiguidade. São Paulo, Editora do Brasil, 2000.

- **8.** PESAVENTO, Sandra jathay. **História e História cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- 9. PINSKY, Jaime (org.). História da Cidadania. São Paulo: Editora Contexto, 2003
- **10.** TEÒFILO, Roque. **Glossário das fobias**. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia, 2008. Disponível em www.psicologia.org.br/internacional/ gloss. htm. Acesso em 04 de maio de 2009.